



NOSTALGIA DO PARAÍSO: UM ESTUDO COMPARATIVO

Prof^a Dr^a Nery Reiner¹

<http://lattes.cnpq.br/9149721813846128>

RESUMO – Nostalgia do Paraíso é a busca pelo jardim paradisíaco, onde o homem encontra tudo que é necessário para sua vida e felicidade, com total ausência de dor e sofrimento, segundo Mircea Eliade (1993). Através de uma análise comparativa, o objetivo deste artigo é mostrar como a Nostalgia do Paraíso inspirou escritores e poetas. Escolhemos, para a análise, fragmentos das seguintes obras: **Bíblia: Gênese** (1983), **Odisseia** de Homero, sd, **Os Lusíadas** de Camões, sd, **Grande Sertão-Veredas** de Guimarães Rosa (1985) e a narrativa **A árvore do mundo e outros feitos de Macunaíma** reescrita por Ciza Fittipaldi (1986). O aparato teórico que norteará a pesquisa conta com obras de Gaston Bachelard (1991), Sandra Nitrini (1997), Mircea Eliade (1993), Junito Brandão (1993) e outros.

189

PALAVRAS-CHAVE – Jardim do Paraíso, nostalgia, árvore da vida

ABSTRACT – Nostalgia of Paradise is the search for garden paradise where man finds everything he needs for his you need for your life and happiness, with complete absence of pain and suffering, according to Mircea Eliade (1993). Through a comparative analysis, the objective of our work is to show how the Nostalgia of Paradise inspired writers and poets. We have chosen for analysis, fragments of the following works: Bible – Genesis (1983), Homer's Odyssey, sd, Camões's Os lusíadas, sd, Rosas's Grande Sertão (1985) and narrative 'The World Tree and other feats of Macunaíma rewritten by Ciza Fittipaldi (1986). The theoretical apparatus that will guide the research has works's Gaston Bachelard (1991), Sandra Nitrini (1997), Mircea Eliade (1993), Junito Brandão (1993) and others.

KEYWORDS – Garden of Paradise, nostalgia, tree of life

INTRODUÇÃO

Quando o senhor sonhar, sonhe com aquilo. Cheiro de campos com flores, forte, em abril: a cigarinha, roxa, e a nhíica e a escova, amarelinhas... Guimarães Rosa

¹ Mestre e Doutora em Letras, área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH, USP. É professora de Teoria Literária, Literatura Brasileira e Literatura Infanto-Juvenil, na Faculdade de Letras da UNISA, Campus II, membro do Grupo de Pesquisa CONDESIM-FOTÓS.



Segundo Bachelard, comentando sobre Chagall, quando o pintor recebeu a tarefa de pintar o Paraíso, disse “tudo é paraíso para o olho que sabe ver. (...) O Paraíso é o mundo das belas cores. Chagall ama o mundo porque sabe olhá-lo. (BACHELARD, 1991. p.9).

O homem surgiu, há um milhão de anos, aproximadamente, e de seu olhar, surgiram as primeiras imagens fornecidas pelo belo jardim. Nesses Chagais primitivos, essas imagens lá ficaram em seu consciente, em seu inconsciente, em sua alma. Passeando pela floresta bruta, colhia mel, descansava à sombra das árvores, colhia frutos, as maçãs das Hespérides. Embriagava-se de perfume. De qualquer pano de mato, usando as palavras de Guimarães Rosa, surgiam bailando as cores das borboletas. E o homem embriagava-se de cores. E tudo era falante. Como conversavam! De repente, uma cascata! Um riacho! E o cantar!

Olhando e cantando, no meio do verde jardim, o homem fez surgir as grandes civilizações. Ontem, ontem, tão longe no tempo, as imagens do colorido jardim fertilizaram a mente do homem. E hoje, hoje, agora, agora, nesse momento, a imagens do jardim continuam fertilizando a mente do homem-máquina-século 21!

Gênese

No Gênese, Javé Deus plantou o jardim do paraíso no Éden de delícias e nele colocou o homem. Fez "brotar do solo toda espécie de árvores atraentes à vista e saborosas ao paladar e a Árvore da Vida, no meio do jardim do paraíso e a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal". (Gn 2,9).

Deus colocou o homem no jardim do paraíso para cultivá-lo e guardá-lo. Um rio nascia no Éden, irrigava o solo e depois se dividia em quatro: Fison, Geon, Tigre e Eufrates. Os quatro rios indicam a universalidade do espaço, ou seja, os quatro pontos cardeais: norte, sul, leste, oeste. O homem poderia comer frutas de todas as árvores, exceto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Deixando de lado a Árvore da Vida, que lhe daria imortalidade, preferiu desobedecer a Deus, comendo a fruta da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, que o condenou à perda do paraíso e à morte. Deus expulsou o homem do paraíso e colocou, no lado oriental do jardim, os querubins para guardar o caminho da Árvore da Vida.

Da mesma maneira que o corte do cordão umbilical, primeira e terrível ruptura na vida do ser humano, após a expulsão do útero materno, provocaria o desejo de reencontrar o uno, a



expulsão do paraíso, a ruptura com um mundo sem sofrimentos condenaria o homem a buscar, até o fim de seus dias, o "paraíso perdido".

Mircea Eliade (1993) chama essa busca de **Nostalgia do Paraíso**. A busca por um espaço que estaria no centro do Universo. O centro, na maior parte dos mitos e narrativas dos povos primitivos, é marcado pelo axis mundi, eixo do mundo, simbolizado por uma árvore, escada, pilar ou montanha.

A árvore pode ser considerada como um Cosmo vivo, em perpétua regeneração, segundo Eliade (1993). Símbolo da vida, em perpétua evolução e em ascensão para o céu, coloca em comunicação os três níveis do Cosmo: Mundo Subterrâneo, através de suas raízes, a Terra, através do tronco e ramos inferiores e Céu, através dos galhos superiores. Segurando-se como pode, buscando de todas as maneiras o reencontro com o centro, com o uno, com a felicidade, o homem encontra forças para sobreviver. Nada mais prolífico para a literatura que essa angustiante procura.

É lá, no Jardim do Paraíso que o homem pode sentar-se, à sombra das árvores, embriagar-se de perfumes, repousar e sonhar. Diz Bachelard (1990, p. 207):

Como não compreender que ao mundo vegetal se liga um mundo de devaneios tão característicos que se poderia designar muitos vegetais como indutores de devaneio particular? [...] O devaneio vegetal é o mais lento, o mais repousado, o mais repousante. Deem-nos o jardim e o Prado, a ribanceira e a floresta, e reviveremos as nossas primeiras venturas. O vegetal guarda fielmente as lembranças dos devaneios ditosos. A cada primavera ele os faz renascer. E em troca parece que o nosso devaneio lhe dá maior crescimento, flores mais formosas, flores humanas.

A literatura guarda carinhosamente esses devaneios vegetais. Nos versos do soneto de Mallarmé, Renouveau, o eu lírico procura a libertação do tédio, no meio dos lilases:

Puis je tombe énérvé de parfums d'arbres, las.
Et creusant de ma face une fosse à mon rêve,
Mordant la terre chaude où poussent les lilas,
J'attends, en m'abîmant, que mon ennui s'élève ...

Depois, caio exasperado pelos perfumes das árvores, lasso.
E cavando com minha face um fosso para o meu sonho,
Mordendo a terra quente onde brotam os lilases,
Eu espero, me abismando, que meu tédio se eleve...
(MALLARMÉ apud BACHELARD, 1991, p.127)



Esse Adão mallarmeano pisa o Jardim do Paraíso procurando, desesperadamente, desprender-se do tédio. E faz dois movimentos opostos: abismando-se para as profundezas, mordendo a terra quente dos lilases procurando elevar-se nas asas do sonho. Que lugar existiria para o sonho e o devaneio melhor que esse? Em meio a árvores que lançam para o céu seus galhos perfumados e que espalha lilases pela terra quente?

Homero

No canto VII da Odisseia, Ulisses, Adão grego, entra no jardim das delícias, guardado por Calipso:

Ardia na lareira um fogo alentado e recendia longe pela ilha um aroma de cedro de fácil rachar e de tuia queimando; dentro cantava Calipso com bela voz e, indo e vindo junto ao tear, tecia com uma lançadeira de ouro.
Em volta da gruta crescia densa mata de amieiros, choupos e olorosos ciprestes. (...) Viçosa parreira se estendia ali, em redor da ampla gruta, carregada de cachos. Quatro fontes alinhadas, próximas umas das outras, manavam água clara, voltadas cada qual numa direção, e vicejavam em torno macios prados de violetas e salsas. (HOMERO, sd, p.81)

192

A viçosa parreira poderia indicar, no texto homérico, a "árvore da vida". As quatro nascentes e as grandes árvores, o "jardim".

Mircea Eliade, no **Tratado de História das Religiões**, 1993, afirma que a videira era considerada a "árvore da vida" entre os povos da Mesopotâmia e Israel. Gilgamesh, na Mesopotâmia, encontra num jardim uma árvore miraculosa e junto dela a divindade Siduri. Na realidade, afirma Eliade, a divindade estaria ao lado de uma cepa de vinha. Gilgamesh, ali, pediu-lhe a imortalidade.

Na Odisseia, no jardim do paraíso, Calipso oferece imortalidade a Ulisses, mas o herói prefere continuar mortal e voltar aos braços de Penélope.

Ainda, na Odisseia, no canto VII, Ulisses contempla novamente o jardim das delícias, desta vez no palácio de Alcínoo, rei dos feácios:

Fora do pátio, junto da entrada, ficava um grande jardim de quatro jeiras, todo fechado por uma cerca. Nele cresciam viçosas altas árvores, pereiras, romeiras, macieiras de frutos esplêndidos, figueiras doces e oliveiras vicejantes. Seus frutos jamais se perdiam; não faltavam no inverno, nem no verão; eram perenes, porque o vento do oeste, soprando sem cessar, fazia nascer uns e amadurecer outros. Pera amadurecida após pera, maçã após maçã, racemo após



racemo, figo após figo. Ali tinha Alcinoó plantado um vinhedo fecundo; enquanto uma parte das uvas secavam ao sol numa eira plana, outras eram colhidas e outras ainda pisadas; defronte, porém, bagas verde deixavam cair as flores e outras já começavam a arroxear. Tinham crescido ali, ao longo do último renque, bem ordenados canteiros de toda sorte e davam flores o ano todo. Duas fontes surdiam; uma irrigava todo o jardim; a outra, em sentido oposto, passava sob o limiar do pátio, rumo à alta mansão e dela hauriam água os cidadãos. (HOMERO, sd, p.81)

O jardim, aqui, está bem caracterizado: fechado por uma cerca, árvores altas e viçosas, frutos perenes e as fontes, embora sejam apenas duas.

A árvore, sendo símbolo da ressurreição, representa o "cosmo vivo", o universo em permanente regeneração, uma fonte inesgotável da criação, segundo Mircea Eliade (1993). Sendo vida inesgotável, representa a imortalidade, a eterna juventude, características pertencentes somente aos deuses, mas que os homens tanto desejavam e desejam até hoje.

Ulisses, na Odisseia, tinha sempre ao seu dispor, um imenso jardim das delícias. No canto X, chega à ilha de Circe, a deusa feiticeira, que poderia transformá-lo em um animal, preparando-lhe uma papa com queijo, cevada, mel e drogas malélicas. Ulisses, porém, faz uso dos poderes mágicos de um vegetal, para se livrar das maldades da deusa. Hermes, o deus mensageiro, entrega ao herói uma erva arrancada do chão, mostrando-lhe sua natureza: apesar da raiz ser negra, a flor parecia leite. Os deuses davam-lhe o nome de môli. Essa droga benéfica seria o antídoto contra as drogas venenosas de Circe. E assim foi feito. Ulisses permanece na ilha, como hóspede de Circe, rodeado de cuidados e carinhos, partilhando do leito da deusa.

Nas folhas das palmeiras, que enchiam de verde as matas brasileiras, Henequin sonhava, enquanto lia as mensagens escritas, em português, pelo próprio Adão. Odisseu delirava entre pereiras, macieiras e videiras. Bachelard procurava a sombra das árvores para seus devaneios. Mallarmé, os lilases, para atenuar seu tédio.

Henequin

A busca pelo jardim paradisíaco acabou levando à morte, na fogueira, o português Joaquim Rates Henequin, em 1760, em Lisboa.

Segundo Gomes (1997), Henequin, considerado herege, foi julgado pelo Tribunal da Inquisição, condenado e morto; porque, entre outras coisas, afirmou que Deus era brasileiro e que havia criado o mundo, usando o idioma português. Disse também que, a Corte Celeste e seu magnífico Trono localizavam-se sobre a ilha do Brasil.



Lembrando-se dos tempos em que ficara no Brasil, Henequin jurava ter encontrado inúmeros sinais da proximidade divina, começando pela exuberância e beleza de sua flora. Ele identificou a bananeira, como sendo a *Árvore do Bem e do Mal*, cujo fruto levou Eva a desobedecer às ordens divinas, condenando o homem à morte e ao sofrimento. De fato, as bananas despertaram a imaginação dos colonos. Fernão Cardim as chamava de "figos de Adão". (CARDIM apud GOMES, 1997, p. 116). O mais engraçado é que o célebre botânico Lineu rebatizou a bananeira com o nome de *Musa paradisíaca*.

Nas folhas das palmeiras, que enchiam de verde as matas brasileiras, Henequin afirmou ter visto mensagens escritas, em português, pelo próprio Adão. Henequin tinha tanta certeza que o Jardim do Éden localizava-se no Brasil que, antes de morrer disse:

Desejara eu ter mil vidas para as dar, para que meus sentimentos se estabelecessem no mundo por serem doutrinas sólidas e verdadeiras.
(HENEQUIN apud GOMES, 1997, p. 116)

Buscando o reencontro com a felicidade, a ausência de sofrimento, o Jardim Paradisíaco, o homem, aos poucos, vai enriquecendo a literatura com textos cheios de beleza.

Camões

No canto IX, de *Os Lusíadas*, Camões apresenta o jardim paradisíaco como a formosa Ilha dos Amores, que Vênus prepara com muito carinho para recepcionar os marinheiros portugueses que, voltando das Índias navegavam de volta à pátria:

Três fermosos outeiros se mostravam,
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramíneo esmalte se adornavam,
Na fermosa ilha, alegre e deleitosa.
Claras fontes e límpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonora linfa fugitiva.
(CAMÕES, sd, Canto IX)

Camões descreve a ilha, partindo dos outeiros que, de "gramíneo verde se adornavam". Em seguida, as fontes, de onde manava água límpida e fresca, uma das características do "jardim paradisíaco". Na estrofe 56, Camões continua:



Mil árvores estão ao céu subindo,
Com pomos odoríferos e belos;
A laranja tem no fruto lindo
A cor que tinha Dafne nos cabelos.
Encosta-se no chão, que está caindo,
A cidreira co'os pesos amarelos;
Os fermosos limões ali cheirando,
Estão virgíneas tetas imitando.
(CAMÕES, sd, Canto IX)

Mil árvores, com frutos belos e perfumados subiam em direção aos céus. Laranjas da cor dos cabelos de Dafne. Em grego, Dafne significa loureiro. Era uma ninfa, filha do rio Peneu e da Terra, segundo Silveira Bueno apud Camões (sd). Apolo apaixonou-se por ela, que o repeliu. Perseguida por ele, e prestes a ser agarrada, pediu ajuda aos deuses. Foi então transformada em um loureiro. O loureiro é a árvore da família das lauráceas, com folhas fortemente aromáticas, utilizadas como condimento. Fornece óleo usado em banhos. Suas folhas foram usadas para cingir a fronte dos vencedores em jogos e batalhas. Na estrofe Camões cita Citereia:

As árvores agrestes, que os outeiros
Têm com frondente coma enobrecidos,
Álamos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deus amados e queridos;
Mirtos de Citereia, co' os pinheiros
De Cibele, por outro amor vencidos;
Está apontando o agudo cipariso
Para onde é posto o etéreo paraíso.
(CAMÕES, sd, Canto IX)

Segundo Silveira Bueno apud Camões (sd), os álamos eram consagrados a Alcides ou Hércules, forma latinizada de Héracles, em grego. A este herói são atribuídos os doze trabalhos. Um deles seria buscar as maçãs de ouro, que dariam imortalidade àqueles que as possuíssem. As maçãs de ouro ficavam no Jardim das Hespérides, Ninfas do Poente, filhas da Noite, segundo Hesíodo, na Teogonia, ou filhas de Atlas e de Hésperis, segundo outra versão do mito. Esse jardim ficaria junto ao monte Atlas.

A função das três Hespérides era, juntamente com um dragão, vigiar o jardim dos deuses, onde cresciam as maçãs de ouro. Hércules, com sua força e astúcia, consegue matar o dragão, enganar a Atlas e roubar as maçãs. Posteriormente, devolve-as a Zeus, que as leva ao jardim das Hespérides, onde deveriam permanecer para sempre, segundo Brandão (1993).



Os loureiros do louro deus, que Camões cita na estrofe 57, estariam ligados a Apolo, filho de Zeus e de Latona. Perseguida pelos ciúmes de Hera, esposa de Zeus, Latona vai para Delos. Lá, junto a uma palmeira, única árvore da ilha, dá à luz Apolo. Muito belo, teve numerosos amores com ninfas e mortais. Um deles foi a paixão não correspondida por Dafne, como vimos acima, que foi transformada em loureiro.

Mas, Apolo não limitou seus amores às mulheres. Amou igualmente aos homens. Os mais célebres são os heróis Jacinto e Ciparisso, cujas mortes atormentaram profundamente o belo deus. Jacinto, dotado de grande beleza, era amado por Apolo e Zéfiro. Este, com ciúmes de Apolo, num dia em que os deuses lançavam discos, enviou forte vento, desviando assim um dos discos que atingiu Jacinto na cabeça, matando-o. Para imortalizá-lo, Apolo transformou o sangue de Jacinto numa nova flor: o jacinto, talvez o lírio martagão, cujas pétalas apresentam marcas evocando ou o grito de dor de Jacinto, AI, ou a inicial do jovem: Y.

Quanto a Ciparisso, que em grego significa cipreste, depois de morto, foi transformado nessa árvore.

Pela resina inalterável e folhagem persistente, evocam imortalidade e ressurreição. Para os gregos e romanos estavam ligadas ao mundo subterrâneo, ligada, portanto, ao culto de Plutão, deus dos infernos.

196

Nos versos de Camões, pinheiros de Cibele, estão ligados ao mito de Átis.

Cibele, mãe dos deuses, era apaixonada por Átis. Como este estava interessado por outra mulher, Cibele, atormentada pelos ciúmes, enlouquece-o. No auge da loucura, Átis castra-se debaixo de um pinheiro e morre. Cibele, desesperada, arranca o pinheiro, levando-o até sua gruta. Lá chora alucinadamente, ainda citando Brandão (1993).

De acordo com uma versão do mito, Átis foi metamorfoseado em pinheiro. De acordo com outra, o sangue de Átis foi transformado em violetas.

Nas cerimônias de culto a Cibele, em Roma, um pinheiro era abatido e transportado para o templo do Palatino. Esse pinheiro, enrolado, como um cadáver, com tiras de lã e guirlandas de violetas, representava Átis morto. O dia seguinte foi de tristeza. Os fiéis jejuavam e se lamentavam aos pés do deus morto. Porém, no outro dia, havia alegria delirante. Acontecia a ressurreição esperada de Átis, acompanhada da renovação da natureza. Banquetes fartos, festas marcavam a chegada da primavera.

Voltando aos versos de Camões, na estrofe 57, o poeta se refere ao mirto de Citereia. Na realidade, Citereia é um dos nomes da deusa Afrodite, deusa do Amor e da Beleza, identificada, em Roma, com a divindade Vênus.



Duas diferentes versões se referem ao seu nascimento. Ora é filha de Zeus e de Díone, ora é filha de Geia, a Terra, e Urano, cujos órgãos sexuais foram cortados por Cronos, seu filho, e jogados ao mar. Nasceu assim da espuma do mar e do esperma de Zeus. Logo que emergiu das águas do mar, Afrodite foi levada pelos ventos até a ilha de Citera, depois até a à costa de Chipre. Era mulher de Hefesto, o deus coxo, porém amava Ares, o deus da Guerra. Mais tarde, apaixonou-se por Adônis, que morreria muito cedo, ferido por um javali, talvez vítima dos ciúmes de Ares.

Os animais preferidos de Afrodite eram as pombas. Suas plantas eram a rosa e o mirto.

Guimarães Rosa

Tantos anos se passaram após **Os Lusíadas** de Camões e surge, no Brasil, Guimarães Rosa que, ao caminhar pelo Sertão - Veredas, refletia:

Quando o senhor sonhar, sonhe com aquilo. Cheiro de campos com flores, forte, em abril: a ciganinha, roxa, e a nêuca e a escova, amarelinhas ... (ROSA, 1985, p.28)

Em outro trecho da obra **Grande Sertão – Veredas**, Rosa (1985) continua descrevendo o Jardim do Éden.

Muito deleitável. Claráguas, fontes, sombreado e sol. (...) Aí foi em fevereiro ou janeiro, no tempo do pendão do milho. Tresmente: que com o capitão - do - campo de prateadas pontas, viçoso no cerrado; o anis enfeitando suas moitas; e com florzinhas as dejaniras. Aquele capim marmelada é muito restível, redobra logo na brotação, tão verde - mar, filho do menor chuveiro. De qualquer pano de mato, de - entre quase cada encostar de duas folhas, saíam em giros as todas as cores de borboletas.(...) Então, eu vi as cores do mundo. Como no tempo em que tudo era falante, ai, sei. De manhã, o rio alto branco, de neblim; e o ouricuri retorce as palmas. Só um bom tocado de viola é que podia remir a vivez de tudo aquilo. (ROSA, 1985, p.26)

Que harmonia no jardim roseano! Os dois planos, o das ervas, dos campos, das flores miúdas, dos capins verde-mar, e o outro, das palmeiras, dos bambuais, estão em perfeito equilíbrio. Nada interfere naquela paz e tranquilidade. Há total ausência de tensões, dores ou sofrimentos.



"Daí, se desceu mais, e, de repente, chegamos numa baixada toda avistada, felizinha de aprazível, com uma lagoa muito correta, rodeada de buritizal dos mais altos: buriti - verde que afina e esveste, belimbeleza(...) e um bambual, por antigos plantados. (...) E, de tardinha, quando voltou o vento, era um fino soprado seguido, nas palmas dos buritis, roladas uma por uma. E o bambual, quase igualmente. Som bom de chuva". (ROSA, 1985, p.27)

Nada falta ali: na baixada, "felizinha de aprazível", está a lagoa rodeada de palmeiras. Som bom de chuva. O vento brinca nas palmas dos buritis.

No jardim roseano, os vegetais esguios estão sempre presentes: os bambuais, as palmeiras, os buritis, os ouricuris, as macaúbas. As palmeiras e os finos caules eretos, ligam os três níveis cósmicos: o mundo subterrâneo, através de suas raízes, a terra e o espaço celeste, através de suas folhas, esforçando-se por equilibrar-se, à procura de ar e de luz.

Brasil: a árvore do mundo e outros feitos de Macunaíma.

Em Roraima, Região Norte do Brasil, vivem os índios makuxi. Em suas aldeias moram outras tribos que cultivam tradições semelhantes, como os taulipang, wapixana e arekuná, segundo Ciça Fittipaldi (1986).

Cada aldeia makuxi tem um chefe ou tuxaua, um ou mais xamãs, que são os protetores e curadores do grupo. Estes dominam o conhecimento sobre plantas medicinais e sobretudo a comunicação com o mundo sobrenatural - os espíritos da mata, das montanhas e das águas que provocam, quando maus, as doenças e a morte.

Entre os makuxi e demais tribos, há uma narrativa, onde a árvore aparece como mata-fome e como axis-mundi, situada no centro do Universo, sendo elemento de ligação dos três níveis cósmicos: Céu, Terra e Mundo Subterrâneo.

Recontando, em síntese, a narrativa apresentada por Fittipaldi (1986), **A Árvore do Mundo e outros feitos de Macunaíma** é a seguinte:

'Macunaíma é o mais novo de quatro irmãos: Jigué, Wakalámbe, Anzikilán e Manápe. Todos dependem de Macunaíma, o mais safado e astucioso. É ele que lhes arranja o sustento.

Em sua tribo, houve um tempo de muita fome. Só Cutia macho (Ciça Fittipaldi registra Cutia macha), que era gente também, voltava sempre de barriga cheia para casa. Cutia comia frutas da árvore Pupu, que descobrira. Aos outros só sobravam as frutas da árvore Kauí, que eram imprestáveis. Macunaíma desconfiou e mandou seguir Cutia. Quando descobriu a verdade, Macunaíma



mandou cortar a árvore Pupu. Veio novamente a fome. Cutia saiu pela floresta, procurando coisas para comer, e encontrou a árvore Wazaká, a árvore-do-mundo, que estava carregada de todas as espécies de frutas boas e gostosas que existem: banana, manga, goiaba, pitanga e outras. Cutia voltava sempre satisfeita para casa.

Macunaíma, vendo Cutia sempre alegre, desconfiou e mandou segui-la novamente. Encontraram a Cutia e a árvore-do-mundo, linda, grande, emaranhada em mil cipós. Os índios ficaram felicíssimos e foram matar a fome, embaixo da árvore.

Porém, Macunaíma mandou derrubá-la. Os índios, não entenderam a ordem. Desesperados, suplicaram, pediram, choraram, mas não houve jeito. Macunaíma ordenara. Teriam que obedecer.

A árvore foi ao chão. Do toco que ficou nasceu o Roraima, enorme montanha de ponta achatada que existe na terra dos makuxi.

Macunaíma derrubou mais árvores que formaram outras montanhas. As árvores caíram todas para o outro lado. Por isso, ainda hoje, há muitas frutas boas do outro lado: bananas, milho, algodão, ananás e caju.

No Monte Roraima e nas outras montanhas nascidas das árvores derrubadas, nasceram enormes cachoeiras. São as habitações da Mãe-D'Água Rató e de seus parentes: gigantescas cobras-d'água que ficam nas corredeiras e cascatas.

De dentro do toco, junto com as cachoeiras, saíram muitos peixes. Grandes golfadas de água começaram a sair do toco sem parar e então veio a grande enchente, o dilúvio.

Macunaíma e seu irmão Jigué enfiaram troncos de palmeira Inajá na terra, subiram cada qual na sua. Lá ficaram até que Keiemé, o Arco-Íris, surgiu no céu, todo colorido. Ele é uma enorme cobra-d'água que vive nas cachoeiras do céu. Foi o fim da grande enchente.

Os peixes foram para o outro lado. Até hoje há por lá muitos peixes grandes: traíra, surubim, piraiá. Do lado de cá, ficaram poucos peixes e só os pequenos.

Quando a terra secou, veio o Grande Fogo. Toda caça se escondeu num buraco, dentro da terra. Ninguém sabe onde fica esse buraco. Tudo o mais foi consumido pelo fogo. Os homens, as montanhas, as plantas, as pedras.

Depois do fogo, Macunaíma começou a fazer bonecos de barro, colocando-os ao sol para secar. Quando duros, transformou-os em gente. Depois fez as outras coisas: pedras, animais e plantas. Fez coisas boas e más. Coisas bonitas e feias. Inventou a saúde e a doença. Em seguida foi para o outro lado do Roraima, onde há fruta boa e muito peixe grande'. (FITTIPALDI, 1986)

Na realidade, a árvore-do-mundo, em Macunaíma, dá origem, não só aos elementos físicos, como as montanhas e cascatas, como também a seres vivos como os peixes. Seria a deusa - árvore, poderosa, fornecendo alimento e criando outros elementos, que, no Gênese, teriam sido criados por Deus.



No mito, aparece outro ser com características divinas, Macunaíma. Ele é que faz derrubar a árvore cheia de saborosos frutos, contrariando todos os desejos da tribo e a própria natureza, que oferecendo seus suculentos frutos, tinha o poder de acabar com a fome da tribo. Macunaíma, agindo contra o raciocínio lógico, derrubando a árvore, provoca o aparecimento do monte Roraima e depois das cascatas, rios e peixes. Ele também cria, posteriormente, homens, pedras, plantas e bichos, como um deus.

Macunaíma manifesta, em sua estrutura profunda, a polaridade de sua personalidade, ou seja, a *coincidentia oppositorum*, usando uma expressão de Mircea Eliade (1993). O autor afirma que, em grande parte dos mitos, as divindades apresentam essa estrutura que se revela alternada ou concorrentemente benévola e terrível, criadora e destruidora e que reúne todos os contrários. Macunaíma é bom e mal, criador e destruidor, assim como na tradição judaico-cristã, Javé é bom e colérico ao mesmo tempo.

Nesta narrativa, a árvore-do-mundo é também ambivalente, sendo árvore-que-mata-fome, árvore-da-vida, e eixo do mundo, centro do Universo, em forma de Monte Roraima. O *axis-mundi*, o centro, pode ser representado por uma árvore, montanha, escada ou corda. Isso porque qualquer um desses elementos liga os três níveis do Cosmo: Céu, Terra e Mundo Subterrâneo. No Gênese, o jardim do Éden está situado no píncaro da Montanha de Setentrião, sendo celeste e terrestre, ao mesmo tempo.

É interessante notar que, após a criação de elementos e seres da natureza, isto é, do Monte Roraima, de outras montanhas, de cascatas, de rios, de peixes, de plantas, de animais, de outros homens, de coisas boas e más, da saúde e da doença, o deus Macunaíma deixou espontaneamente esta parte do paraíso, indo morar do outro lado do monte, onde há fruta boa e peixe grande. Do outro lado era melhor. Porém, o Monte Roraima continua marcando o centro do mundo.

CONCLUSÃO

Vimos, em nosso trabalho, que a busca pelo Paraíso Perdido inspira poetas e escritores desde a mais remota antiguidade. Bachelard (1990) afirma que ao mundo vegetal se liga um mundo de devaneios, de sonhos. "Deem-nos o jardim e o prado, a ribanceira e a floresta, e reviveremos as nossas primeiras venturas. (...) E em troca parece que o nosso devaneio lhe dá maior crescimento, flores mais formosas, flores humanas". (BACHELARD, 1990, p.207). Sim, é verdade. O prado, a floresta, o jardim levam o homem ao devaneio, ao sonho, à imaginação, à



criatividade. Assim, ele oferece aos outros seres humanos, em troca, flores mais belas, flores humanas.

Mallarmé procura desprender-se do tédio, penetrando nas profundezas da terra, mordendo a terra quente dos lilases e assim elevar-se nas asas do sonho. No Gênese, texto anônimo, muito antigo, Javé Deus nos oferece um jardim com árvores belas e frutos saborosos. O rio que nascia no Éden, irrigava o solo e depois se dividia em quatro. Duas árvores lá estavam: a Árvore da Vida que lhe daria imortalidade e a Árvore do Conhecimento. O homem preferiu desobedecer às ordens divinas, deixou de lado a Árvore da Vida e comeu a fruta da Árvore do Conhecimento. Isso o condenou à perda do paraíso e à morte. No texto homérico, na Odisseia, no jardim das delícias, há viçosa parreira, pereiras, romeiras, macieiras, figueiras com frutos perenes. Flores o ano todo. E, como no Gênese, quatro fontes com águas claras e límpidas.

As imagens arquetípicas do Jardim do Paraíso levou o português Joaquim Rates Henequin a morrer na fogueira, em 1760, em Lisboa. Afirmou ele que o Jardim do Paraíso ficava no Brasil e identificou a bananeira como sendo a Árvore do Bem e do Mal.

A criação poética de Camões nos oferece as imagens de uma ilha formosa, a Ilha dos Amores. Três outeiros, claras fontes, mil árvores ao céu subindo e jogando seus galhos ao chão, não suportando o peso dos frutos belos e perfumados. Pinheiros e mirtos perfumam o ar com suas resinas.

As imagens de Guimarães Rosa nos lembram de Bachelard, quando diz: “ Quando o senhor sonhar, sonhe com aquilo. Cheiro de campos com flores, forte, em abril: a ciganinha, roxa, e a nhíca e a escova, amarelinhas ... ” (ROSA, 1985, p.28). E notem que as imagens das águas se assemelham às águas do Gênese e de Homero: “ Claráguas, fontes, sombreado e sol. (...) Daí, se desceu mais, e, de repente, chegamos numa baixada toda avistada (...) uma lagoa muito correta, rodeada de buritizal dos mais altos: buriti - verde que afina e esveste, belimbeleza.(...) e um bambual, por antigos plantados.” (ROSA, 1985, p.28).

Interessante que no texto dos índios makuxi, da Região Norte do Brasil, recontado por Ciça Fittipaldi (1986), uma única árvore, a Árvore-do-Mundo, Wazaká, trazia várias espécies de frutos: banana, manga, goiaba, pitanga e outras. Essa árvore, quando derrubada dá origem ao monte Roraima. Dá origem a um elemento geográfico, à montanha = rochas = terra, à água e aos peixes (animais). Que poderosa árvore! Que poderoso vegetal! A estória às avessas! É engraçado essa estória invertida. É a planta que dá origem à montanha e à água.

No texto makuxi, surge a estória do dilúvio. A água arrasando tudo. A terra seca e chega o Grande Fogo. Os animais se escondem num buraco, dentro da terra. Tudo o mais desaparece. Os



homens, as montanhas, as plantas, as pedras. E, como na Bíblia, surge um deus: Macunaíma que faz bonecos de barro, transformando-os em gente. Depois cria outras coisas: pedras, animais e plantas. Mas, voltemos à árvore Wazaká. A árvore plural que sintetiza todas as árvores frutíferas citadas nos textos bíblico e homérico. Por que sempre a árvore? Árvore da Vida, Árvore do Conhecimento, pereiras, macieiras, limoeiros, laranjeiras, pinheiros, palmeiras, bambus, buritis... A árvore é o símbolo da ressurreição. Representa o cosmo vivo, o universo em permanente regeneração, repetindo as palavras de Mircea Eliade (1993). Simboliza, portanto, a imortalidade, a eterna juventude, características pertencentes somente aos deuses, mas que os homens tanto desejavam e desejam até hoje.

A árvore é o axis-mundi, situada no centro do Universo, ligando os três níveis cósmicos: Céu, Terra e Mundo Subterrâneo. E ela está aqui, em nossa cabeça, em nosso cérebro, em nossa alma.

Do céu vem a chuva. Terra e água. Terra e água. Solo fértil e o verde exuberante. Árvores, frutos, campos, flores, perfume. Homem, homem, homens. Terra e água. Terra e água. Verde luxuriante. Flores, flores, perfume. Sigamos o conselho de Baudelaire, autor das **Flores do Mal**. Embriaguemo-nos! Embriaguemo-nos. Embriaguemo-nos! Sem descanso. Embriaguemo-nos para não sermos escravos do Tempo! Embriaguemo-nos com perfume! Embriaguemo-nos com o verde luxuriante! Embriaguemo-nos com as imagens do Jardim Paradisiaco! Embriaguemo-nos com as cores! Embriaguemo-nos com a poesia! Embriaguemo-nos com as palavras!

Terra e água. Terra e água.
Homem, homem, homens.
Poemas, poemas, poemas.
Mitos, narrativas.
Flores, flores, flores.
Flores humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **O Direito de Sonhar**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

_____. **O Ar e os Sonhos**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1990.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Trad., introd. e notas: Ivan Junqueira. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.



- BÍBLIA - Mensagem de Deus.** São Paulo: LEB - Edições Loyola, 1983.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1993, 3vs.
- CAMÕES, Luís Vaz. **Os Lusíadas.** Ed. Crítica de Francisco da Silveira Bueno. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- CHEVALIER, J. et GEERBRANDT, A. **Dicionário de Símbolos.** 8.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1994.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____ **Mito do eterno retorno.** São Paulo: Mercuryo, 1992.
- _____ **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FITTIPALDI, Ciza. **A árvore do mundo e outros feitos de Macunaíma.** São Paulo: Melhoramentos, 1986.
- GOMES, Plínio Freire. **Um herege vai ao paraíso - cosmologia de um ex-colono condenado pala Inquisição (1680 - 1744).** São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- HOMERO. **Odisseia.** Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, sd.
- JOLY, Aylthon B. **Botânica.** São Paulo: Cia Editora Nacional, 1993.
- MERLEAU-PONTY. **O olho e o espírito.** Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- NITRINI, Sandra. **Literatura comparada.** São Paulo: Edusp, 1997.
- PELT, Jean-Marie et CUNY, Jean Pierre. **A Prodigious Aventura das Plantas.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

